
**CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADE EM TELAS: TENSIONAMENTOS E
ATRAVESSAMENTOS NA TESSITURA DE MEMÓRIAS NA PORNOGRAFIA**

BODIES, GENDER AND SEXUALITY ON SCREEN: TENSIONING AND CROSSING IN THE WEAVING

OF MEMORIES IN PORNOGRAPHY

CUERPOS, GÉNERO Y SEXUALIDAD EN LAS PANTALLAS: TENSIONES Y CRUCES EN EL TEJIDO

DE LAS MEMORIAS EN LA PORNOGRAFÍA

MAURÍCIO JOÃO VIEIRA FILHO¹

MARIA GISLENE CARVALHO FONSECA²

Submissão: 19/09/2021

Aprovação: 01/10/2021

Publicação: 26/09/2022

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais (PPGCOM/UFMG). Membro do grupo de pesquisa Tramas Comunicacionais. Graduado em Comunicação Social/Jornalismo pela Universidade Federal de Viçosa (UFV).

Orcid ID: <http://orcid.org/0000-0001-9638-7390> E-mail: mauriciovieiraf@gmail.com

² Professora do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Maranhão. Colaboradora no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Jornalista graduada pela Universidade Federal do Ceará.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0003-3201-1946> E-mail: mgisacarvalho@gmail.com

RESUMO

Neste artigo discutimos os processos de constituição das memórias e suas relações entramadas em dimensões de gênero e sexualidade nos corpos expostos na pornografia. Para tanto, realizamos dois movimentos de reflexão que se ancoram em debates por estudos decoloniais e *queer*, tensionando-os no campo de conhecimento da Comunicação: (i) os processos de constituição de gênero e memória; (ii) os enredamentos da pornografia no Brasil a partir de dados da plataforma *Pornhub*. Percebemos, de modo geral, que a pornografia participa da tessitura de memórias relacionadas a representações e significados cristalizados sobre gênero, sexualidade, raça e outros marcadores interseccionais. Considerando os dados que apontam que no Brasil, especificamente, predominam buscas por categorias atribuídas a mulheres, identificamos uma série de problemas, como violências e fetichizações dos corpos.

Palavras-chave: Pornografias. Memórias. Corpos. Gênero. Sexualidade.

ABSTRACT

In this article we discuss the processes of constitution of memories and their relations based on dimensions of gender and sexuality in the bodies exposed in pornography. For this, we perform two reflection movements that are anchored in debates by decolonial and queer studies, tensioning them in the field of communication knowledge: (i) the processes of constitution of gender and memory; (ii) the entanglement of pornography in Brazil based on data from the *Pornhub* platform. We realize, in general, that pornography is part of the fabric of memories related to representations and crystallized meanings about gender, sexuality, race and other intersectional markers. Considering the data show that in Brazil, specifically predominate searches by categories assigned to women, we identified a series of problems such as violence and fetishisation bodies.

Keywords: Pornographies. Memoirs. Bodies. Genders. Sexuality.

RESUMEN

En este artículo discutimos los procesos de constitución de la memoria y sus relaciones dentro de las dimensiones de género y sexualidad en los cuerpos expuestos en la pornografía. Por ello, realizamos dos movimientos de reflexión que se anclan en los debates de los estudios decolonianos y *queer*, destacando el campo del conocimiento en Comunicación: (i) los procesos de constitución del género y la memoria; (ii) las complicaciones de la pornografía en Brasil desde la plataforma *Pornhub*. Percibimos, en general, que la pornografía participa

en el tejido de memorias relacionadas con representaciones y significados cristalizados sobre género, sexualidad, raza y otros marcadores interseccionales. Considerando los datos que indican que en Brasil, específicamente, predominan las búsquedas de categorías atribuidas a mujeres, identificamos una serie de problemas, como la violencia y la fetichización de cuerpos.

Palabras-clave: Pornografias. Memorias. Cuerpos. Género. Sexualidad

INTRODUÇÃO

Quais são as nossas memórias quando pensamos em pornografia? Como são esses corpos que se apresentam e de que forma são lidos por mim? O que ele convoca e provoca? Quais significados carregam e que marcas de poder o atravessam? Quais questões de gênero são mobilizadas na pornografia? Diz de quais e para quais corpos? Como essas produções são postas em circulação? Essas são algumas das questões que podemos debater sobre as representações dos corpos expostos nas produções pornográficas e os múltiplos marcadores que os transpassam. Sem dúvida, as respostas para cada uma das perguntas diferem devido às razões temporais, espaciais, culturais, sociais, políticas e econômicas, como também pelas experiências de cada indivíduo com esse tipo de conteúdo. Diante dessas inquietações, propomos um percurso para discutir os processos de constituição das memórias e suas relações entramadas em dimensões de gênero e sexualidade nos corpos expostos na pornografia.

De início, consideramos que os significados dos corpos são e serão tecidos permanentemente na cultura (LOURO, 2019), o que implica em instabilidades, movimentos e transformações que afetam todos os momentos da vida, assim como demonstra não haver um significado pronto e dado, mas em permanente construção. Como parte dessas inúmeras inscrições que incidem nos corpos, estão as dimensões de gênero e sexualidade e, segundo Louro (2020) explica, são campos pensados, muitas vezes, ligados a uma ordem da essência do sujeito, algo universal, espalhado igualmente para todas e todos e que deveria ser

correspondido. No entanto, a pesquisadora nos conduz para compreensão dessas duas dimensões — gênero e sexualidade — como associadas à cultura, portanto, são inventadas e instáveis, mas que tentam provisoriamente se solidificar em uma matriz cisgênera e heterossexual, que, ao mesmo tempo, fixa normas e, de modo até contraditório, deixa brechas para insurgências. Essa viagem da vida tem roteiros pré-definidos por essa matriz antes mesmo de nossos nascimentos, mas também possibilita transformar os caminhos dos indivíduos com outras rotas e modos de ser, estar e viver. A pesquisadora afirma que, para aquelas e aqueles que transgridem o percurso regulamentar, haverá ações pedagógicas para tentar inscrever o gênero e a sexualidade “permitidos” nos corpos. Trata-se de uma busca para controlar algo que não é firme e que necessita ser sempre reiterado (BUTLER, 2019; LOURO, 2020).

A partir desse preâmbulo, no qual convocamos pensadoras cujos trabalhos se filiam à teoria *queer*, estudos que procuram estranhar os regimes de normalização alicerçando em uma perspectiva da diferença, visamos sinalizar que as normas, seus processos de constituição e as convenções culturais são questionáveis. Tendo em vista essa apresentação, na próxima seção, seguiremos pelo pensamento decolonial como uma perspectiva para adentrar nas brechas dos binarismos, como propõe Segato (2016), e pelos estranhamentos *queer*¹. A perspectiva decolonial dialoga com a teoria *queer* em um movimento de desnormalizar, pensando em “desconstruir para compreender”. É uma proposta de deslocamento de olhares, questionando centralidades e binarismos, assim como a teoria *queer*. Discutimos sobre gênero, sexualidade e memória almejando avançar em possibilidades de transbordar fronteiras para colocar em evidência outras formas de pensar, que deslocam as relações de saber-poder impostas pela ideia de modernidade (LUGONES,

¹ Neste trabalho, não colocamos a Teoria Queer como uma abordagem decolonial, mas acionamos aproximações que nos permitem pensar sobre controles capitalistas e eurocentrados dos corpos que, a partir desse referencial moderno e universal, se constituem como “dissidentes”.

2014). Na seção seguinte, discutimos como a pornografia participa dos processos de criação de memórias e, a partir de um levantamento de dados publicizados pelo site *PornHub* em 2019, problematizaremos como aqueles números estrondosos dizem de corpos e, por um recorte nessas métricas, seguiremos refletindo sobre o que esses dados nos dizem sobre memórias constituídas em torno do gênero e das sexualidades no Brasil.

GÊNERO, SEXUALIDADE E MEMÓRIA: PROCESSOS DE CONSTITUIÇÃO CULTURAL

Os processos de formação das memórias envolvem uma relação entrelaçada em uma vasta rede textual, constantemente irrigada, em que múltiplas dimensões são mobilizadas para repercutir e colocar em evidência certas histórias enquanto outras são apagadas. Assim como os corpos, que estão em permanente tessitura, se articulam em um complexo processo conjugando uma série de componentes normativos, que, por meio da repetição e da frequência, serão partilhados socialmente. Cotidianamente, reforços são realizados discursivamente para naturalizar aspectos, dimensões e situações que ditam o que será publicamente aceito. As normas, assim, passam a ser o centro de referência, isto é, aquilo que, não por acaso, passa a ser chamado de “normal”, e se constituem como memórias nas nossas vidas.

Neste sentido, Louro (2020) questiona os modos pelos quais certas marcas identitárias são consideradas como normas e atribuídas aos corpos e seus significados em determinada cultura. Uma gama de organizações integra nossas vidas e participam desses complexos e dinâmicos empreendimentos normativos através de imposições, sugestões, apontamentos, violências e orientações, implícitos ou explícitos.

Nas relações de poder, os corpos são carregados de significados sobre o que é socialmente admissível em termos estéticos, permeados por modos para regulá-los e são marcados por atributos físicos do que é considerado interessante e admissível para a vida. Se

essas balizas são moldadas e reverberadas culturalmente, cabem dúvidas, estranhamentos, mudanças, experimentações e muitas chaves para incomodar. Ter um olhar crítico e tensionar tais naturalizações são gestos cruciais para perceber fissuras e entremeios que podem ser potências para desestabilização e abalamento das normatividades supostamente edificadas como sólidas.

Além desses processos pedagógicos e os arranjos culturais, pensamos as dimensões de gênero tomadas de uma ideia de modernidade eurocentrada e colonizadora, que associam os contextos, práticas interacionais e convocam sentidos formadores de memórias. A estrutura da sociedade é complexa e não pode ser reduzida apenas às perspectivas europeias e seus movimentos colonizadores do saber e da existência (QUIJANO, 2005), visto que esse processo se dá constantemente em ambientes de disputa simbólica, política e cultural entre colonizador e colonizado.

Lugones (2014) explica que a modernidade é colonial, capitalista e impositiva de uma narrativa, em que, historiograficamente, é contada em uma perspectiva evolutiva e cronológica, na qual as sociedades são descritas como se suas metas fossem atingir os ideais modernos. Para se alcançar esses ideais, o pensamento eurocentrado cria categorias de classificação para a dominação dos povos colonizados e institui uma hierarquia de poder e saber. O gênero e as sexualidades são operadores dessas imposições.

A colonialidade de gênero, segundo Lugones (2014), é uma ideia separatista advinda da modernidade para impor lugares e modos de ser para outras existências “não-europeias”. Nesse gesto de dividir as pessoas em critérios de gênero, homens brancos cisheteropatriarcais se auto atribuem um estatuto de superioridade em relação às mulheres. E não é somente essa cisão, há outros arranjos interseccionais entre raça, classe e sexualidade que seguem confluindo em silenciamentos, violências, mas também em resistências.

Epistemológica e eticamente, articular tais discussões à Comunicação envolve desestabilizar bases científicas que sempre priorizaram o masculino. As próprias relações

normativas de gênero e sexualidade já atravessam e constituem as bases das ciências, nas quais prevalecem teorias, metodologias e circulação de conhecimentos de homens, brancos, europeus, cisgêneros. Portanto, concerne problematizar e subverter essas condições impostas e dominantes (LEAL; CARVALHO; ANTUNES, 2020). Nos processos de construção de saberes e reconhecimentos acontecem epistemicídios (GROSFOGUEL, 2016) que silenciam elementos socioculturais no sentido de manter a posse da história e do lugar de dizeres dos homens, o eurocentrismo e do conhecimento ocidentalizado. Essa imposição masculina tem relação com as ordens que serviram à modernidade europeia, ao privilegiar o homem (branco cisheteropatriarcal) como um ser universal nas relações de poder e saber (LEMAIRE, 2017, 2018).

Importante enfatizar que essa primazia se dá nos espaços acadêmicos, institucionais, organizacionais, nas mídias e relações mais diversas, enrijecendo as opressões. Por isso, perspectivas decoloniais e *queer* são cruciais para contestar os padrões da cisheteronormatividade, abrir espaços de reflexão e adentrar as lacunas das normas. Elas possibilitam evidenciar outras experiências dos corpos e suas reminiscências.

O pensamento de Anzaldúa (2000, 2005) destaca que, quando pensamos nas narrativas historiográficas que estamos habituados a compartilhar, vemos que estão dotadas de um certo poder. Há um domínio na história de europeus, considerados “universais”, que conduzem a constituição das memórias, ordenam e alocam os indivíduos que se diferem deles em zonas inóspitas e inferiorizadas. Os resultados desse processo diacrônico são as opressões expandidas nas nossas vivências. A proposta chicana de Anzaldúa vem reivindicar um lugar de pensamento e consciência que é combativo, que faz contraposição a esse posicionamento da historiografia eurocentrada.

Essa contestação pode se dar pelas fronteiras, lugares que, em simultâneo, unem e separam, mas que têm fluidez e porosidades. As classificações e os binarismos impedem que percebamos as bordas porosas das fronteiras, suas possibilidades de transbordamento e

trânsito, suas delimitações de poder. Se pensarmos nas construções culturais e históricas de gênero, percebemos as formas como os binarismos e a conformação das violências foram se desenvolvendo, desde as imposições europeias, além de serem constantemente atualizadas e reconfiguradas para se manter nas relações de poder. Pensar a partir da fronteira de gênero pode ser um movimento para romper essa linha separadora binária e possibilitar trazer para o centro quem estava fora.

Gênero e sexualidade definem modos, mas apresentam instabilidades. Essa tentativa de estipular padrões é uma forma de construir fronteiras. A construção dos binarismos nessa lógica ocidental moderna caracteriza-se pela divisão de dois pólos, tidos como opostos e intransponíveis. Quando somos colocados num mundo dividido, a fronteira é o lugar de cicatrização, por isso, precisamos transcendê-la e transbordá-la. Anzaldúa (2000, 2019) expressa que não podemos aceitar os discursos e imposições narrativas, e sim enfrentar e questionar a uniformização do discurso que tratamos como hábito.

No fenômeno da pornografia, em suas construções narrativas, notamos que muitos esforços para manutenção das determinações de gênero e sexualidade se dão nessas produções, que dizem de/para/sobre corpos. Ali, estão articulados elementos em narrativas que evidenciam certas construções de corpos, gênero, sexualidade e prazeres.

PORNOGRAFIA E SEUS BILHÕES DE CLIQUES QUE CONVERGEM NAS MEMÓRIAS E MARCAÇÕES DE GÊNERO

Historicamente, o que entendemos por pornografia na modernidade vem da cidade romana de Pompeia, em meados do século XVIII, onde foram encontradas, em meio a suas ruínas encobertas pelas lavas do vulcão Vesúvio, obras com reproduções de ações corporais e sexuais, o que provocou questionamentos sobre sua exibição ou não (PRECIADO, 2020). Por destoarem do que era cultuado pela moralidade da Europa na época, as obras foram armazenadas no Museu Secreto de Nápoles, onde somente homens adultos da aristocracia

poderiam ter acesso a elas. Preciado (2020), então, toma esses gestos como uma regulação do olhar e nos aponta a ligação desde o princípio com algo a ser escondido, obsceno e relegado a espaços inóspitos. Outro ponto é a destinação apenas aos homens, o que já sugere a ligação de uma construção de acesso, de memórias e de desejos que passam pelos olhares e ações deles. Ainda o fato de a raiz do termo ser determinada por uma marca de gênero², já sublinha parâmetros orientadores para as produções.

Sem a intenção de perscrutar por uma retomada histórica, pretendemos evidenciar que, com o passar do tempo, os modos de produção e circulação foram se alterando nas culturas. Hoje, com o alcance da internet, temos possibilidades infindáveis de acesso a materiais classificados rapidamente como pornográficos. Sua formatação foi mudando, contudo, muitas memórias seguem engessadas e retomam para representações de corpos e marcas de gênero específicas e limitadas, como também opressoras e violentas.

Desde a década de 1980, uma corrente feminista norte-americana expôs a urgência por debates sobre a pornografia (BIROLI, 2014). Entre as reivindicações, estão questões pertencentes aos impactos na vida dos indivíduos e em seus relacionamentos, tal como criar critérios para produção e circulação dos materiais. Essa é uma das visadas que tentam examinar as consequências nas relações de gênero, visto que, por vezes, as mulheres são violentadas e objetificadas em tais produções, nas quais predominam construções de masculinidades hegemônicas e representações que colocam os homens em posições de dominação, o que reverbera nas relações sociais. Vale somar a importância de trazer as interseccionalidades que se unem ao gênero, como raça, sexualidade, nacionalidade, idade e tantos outros marcadores fundamentais de serem percebidos para as esteiras de debates.

Essa atenção ganha mais contornos à medida que a pornografia adquire novas possibilidades de circulação com a ubiquidade da internet. Segundo a plataforma

² Do grego *pornos* (prostituta) e *graphos* (escrita).

*SimilarWeb*³, que realiza um trabalho de medição e análise do tráfego na internet, o *Pornhub* foi o 13º site mais acessado mundialmente em fevereiro de 2021. Esse dado pode ser assustador observando quantitativamente a expressividade que representa e qualitativamente o que esses números englobam.

Pornhub é uma plataforma que emerge no campo do pornográfico em 2007 atualizando as formas de consumo, interação e circulação de materiais sexuais audiovisuais. O discurso organizacional da empresa *MindGeek*, atual proprietária do *Pornhub*, projeta publicamente a plataforma como a maior do mundo no segmento. Para confirmar tal alcance e garantir legitimidade no cenário mercadológico da pornografia online, a estratégia adotada é compilar dados de visualizações e métricas na extensão *Insights*. Desse modo, reitera a posição no setor com vistas a criar um discurso organizacional coerente e obter prestígio comercialmente (VIEIRA FILHO, 2021).

Tomemos o último levantamento anual divulgado pelo *Pornhub Insights* referente ao ano de 2019. Até o momento de submissão deste trabalho, os únicos dados sobre 2020 são alusivos a eventos e aos efeitos da pandemia de covid-19 no consumo pornográfico. Portanto, debruçamos nos números de 2019 que oferecem dados abrangentes. Ali, estão informações quantificadas e representações gráficas para expor métricas de acesso, tempo gasto pelos espectadores, usos e buscas feitas por homens e mulheres, por quais equipamentos isso se deu, como determinados eventos influenciaram e constituíram as procuras, assim como trouxeram detalhes do acesso nos 20 principais países que navegaram na plataforma. Destaca-se o total de 42 bilhões de acessos, 6.597 petabytes de dados transferidos, mais de 70 milhões de mensagens trocadas e, caso fosse possível assistir todo o conteúdo publicado naquele ano, seriam necessários 169 anos acompanhando ininterruptamente.

³ SimilarWeb. pornhub.com Classificação. Disponível em: <<https://www.similarweb.com/website/pornhub.com/>>. Acessado em 9 de março de 2021.

Especificamente, o Brasil ocupa a 12ª colocação entre os países que mais usam o site. A seguir, está disponível a representação esquemática sobre o país e números comparativos ao ano precedente às análises do *Pornhub* (Figura 1).



Figura 1 — Imagem referente às buscas e categorias em destaque no Brasil

Fonte: Pornhub Insights (2019)⁴

⁴ Pornhub Insight. 2019 Year in review. Disponível em: <<https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>>. Acessado em 30 de março de 2021.

A figura 1 apresenta cinco informações específicas sobre os usuários brasileiros, em 2019, acerca das principais pesquisas feitas no sistema de buscas da plataforma, principais tendências, as cinco estrelas pornôis mais procuradas, as cinco categorias mais buscadas e as mais visualizadas percentualmente quando comparadas ao mundo. Importante frisar que os números são comparativos ao ano de 2018 e não é possível saber numericamente quanto cada percentual representa.

A partir das primeiras informações, podemos observar que o ranqueamento das buscas no Brasil mostrou um predomínio de palavras que remetem a classificações que envolvem mulheres. Das 12, podemos atestar que 5 são ligadas a gênero: “lésbica”, “brasileira”, “milf” (*mother I’d like to fuck*, em inglês), “femdom” (especificação para as produções em que as mulheres estão dominando a relação sexual e tendo prazer) e “lésbicas brasileiras”. As demais palavras não podem ser precisadas se denotam representações de mulheres pelo fato de estarem em inglês e suas traduções para o português não possibilitarem marcar masculino ou feminino (*brazilian*, por exemplo, em tradução literal, pode ser brasileiro ou brasileira). No entanto, parece-nos, a partir da classificação ordenada ao lado de cada categoria, que, possivelmente, tratam-se de buscas que envolvem pornografia com mulheres em cena, haja vista o crescimento de um ano para o outro de 12 posições para “brasileira”, 3 para “milf” e 213 para “femdom”.

Diante disso, observa-se uma movimentação que indica a redução da mulher ao sexo, como se fosse objeto para desfrute dos homens. Biroli (2014) expande essa percepção mostrando o alargamento das consequências das memórias cristalizadas na pornografia para outros espaços da vida. Os entrecruzamentos nas construções de feminilidade, corpos, sexualidade, gênero, raça, entre outros, fundam constituições mnemônicas que estão na pornografia, nas mídias e em tantas relações de poder. É notória a imprescindibilidade de problematizar essas questões de gênero e suas interseccionalidades, haja vista como isso incide no Brasil e se reverbera na vida de tantas pessoas. No país, os casos de violência contra

mulher são alarmantes e se dão em vários âmbitos e, como Saffiotti (2004) aponta, trata-se de uma dominação patriarcal, na qual homens supõem ter domínio sobre as mulheres e seus atos se dão de formas físicas, simbólicas, conjugais, sociais, psicológicas, morais e sexuais.

Para continuarmos as reflexões, atentemo-nos para o segundo ponto sobre o que foi tendência no Brasil, destacando-se “joi portugues”, vídeo instrucional para masturbação; “femdom” novamente; em seguida, “squirting orgasm” que significa ejaculação feminina; “negra gostosa”, categoria já traduzida pelo *Pornhub*; “futa”, abreviatura de *futanari*, palavra em japonês para intersexo, em que são feitos vídeos no estilo mangá e anime, nos quais os personagens representam pessoas intersexo; “bdsm”, sigla para “bondage, disciplina, dominação-submissão, sado-masoquismo”; e “brasileiras” mais uma vez na lista.

Nesse ponto, é necessário problematizar uma série de aspectos, dos quais sublinhamos a sexualização do corpo negro, que, segundo Barros e Barreto (2018), é um dos elementos que integram o preconceito racial circulante pelas fantasias dos imaginários sociais. Os pesquisadores evidenciam também a origem da pornografia com o obsceno, algo relegado ao escondido e a objetificação dos corpos negros a partir de uma interpretação preconceituosa ocidentalizada que os associam a uma libertinagem e que seria necessário passar por processos disciplinares. Há uma prática de desumanização dos corpos sexualizados que são tratados como objetos (há uma relação de poder notadamente imposta nesse sentido).

A associação entre pornografia e corpo negro, por exemplo, se dá pela semelhança da invisibilidade socialmente. Referências históricas do período escravocrata no Brasil em que anúncios de jornais frisavam características físicas que deveriam ser observadas pelos homens compradores compõem memórias e imaginários. “Essa concepção pode estar intrinsecamente fincada na fantasia de que o negro tem um pau grande, e conseqüentemente, é bom de cama. As indústrias pornográficas exploram esse imaginário quando apresentam filmes específicos com negros” (BARROS; BARRETO, 2018, p. 304-305), fato observado

com a quarta principal tendência de buscas e entre o conjunto de estrelas pornô em ascensão no Brasil, no qual há um homem negro brasileiro de 66 anos cuja fama se deu pelo fato de ter um pênis grande. Pessoas negras são reduzidas ao sexo e são abstraídas de toda humanidade e, como expõe Ribeiro (2016), as “[m]ulheres negras são sexualizadas e tratadas como objetos sexuais numa sociedade racista e machista como a brasileira”, o que acontece desde o período colonial com uma série de violências.

O aumento de 567% nas tendências de busca por “futa”, gênero que traz representações para a intersexualidade, e o crescimento de 98% aqui em relação ao mundo pela procura da categoria “transgênero” devem ser observados. Em contrapartida, as buscas por representações sexualizadas e fetichizadas retratadas para esses corpos, o Brasil é o país que mais mata pessoas transgêneras no mundo (TRANSGENDER EUROPE, 2016). Em uma sociedade transfóbica e violenta, invisibilidades, dores, mortes e silenciamentos formam conflitos cotidianos enfrentados por transgêneros, transexuais e travestis. São vivências apagadas e, em grande parte, relegadas ao fetiche sexual. Trevisan (2018) lembra que a Europa, desde a década de 1970, foi destino encontrado por muitas travestis brasileiras para tentar ter uma vida e possibilidades econômicas. No entanto, a prostituição foi o meio pelo qual muitas delas conseguiram se manter no continente. O escritor afirma que foi apenas uma modificação do pano de fundo, já que lá continuaram a enfrentar violências e assassinatos. Em vista desse acontecimento histórico, notamos socialmente em quais espaços essas pessoas são destinadas a (sobre)viver e como a pornografia participa do reforço desses processos. Cabe-nos dizer sobre as zonas de invisibilidade das pessoas intersexo e os métodos de normalização aplicados sobre esses corpos. Preciado (2014) demonstra como uma série de intervenções nos corpos, sobretudo nas genitálias, são realizadas desde o nascimento para que esse indivíduo seja enquadrado em um certo padrão binário de gênero. Vemos um conjunto de violências que atravessam esses corpos, como também sua redução à sexualização na pornografia como alvo de fetiche.

Mais um predomínio é a marcação de pornôns categorizados como lésbicos. Para Rich (2010, p. 26), a pornografia coloca as mulheres em posição de mercadorias para o consumo. “A chamada pornografia lésbica, criada para o olhar voyeurístico masculino, é igualmente vazia de conteúdo emocional e personalidade individual”. Parece-nos, segundo a vasta quantidade de buscas por categorias que marcam mulheres, que a procura por esse tipo de produção, em que relações sexuais entre mulheres ganham foco, seguem em destaque nas buscas por um fetiche desejado por homens.

De modo geral, entre o que foi apresentado pelo *Pornhub*, há um predomínio de marcações ligadas às mulheres no Brasil. “Brasileira”, “brasileiras”, “femdom”, “lésbica”, “lésbica brasileira”, “lésbicas”, “milf”, “mulher tatuada”, “negra gostosa” e “squirting orgasm” são classificações e categorias amplamente requisitadas no país, o que expõe a urgência de se problematizar os âmbitos do pornográfico, fundamentalmente o que está sendo circulado, criado e compartilhado em plataformas de pornografia, como o *Pornhub* e tantos outros, que lucram bilhões com a comercialização dos corpos, fixam padronizações, intensificam violências, opressões e hierarquizações generificadas, corroboram as condições potenciais de vulnerabilidades, contribuem amplamente para a concepção de memórias e para o olhar voyeur de homens.

Entendemos que a pornografia é um campo atravessado pela constituição e engendramento de pedagogias de gênero e da sexualidade (LOURO, 2008). Nesse processo, notamos que a pornografia participa de experiências no, do e com o corpo que assumem papel de destaque como participante ativa na educação afetiva-sexual dos sujeitos. À vista da amplificação de acesso com a diluição de fronteiras dos espaços online, as relações estabelecidas subjetivamente e interpessoais ganham outros contornos a partir das reiterações dos desejos permitidos, dos corpos desejáveis e dos conhecimentos sobre os corpos exibidos na tela pornográfica (VIEIRA FILHO, 2022, no prelo).

Diante dos dados apresentados aqui, observamos a manutenção de padrões de busca que continuam colocando relações de poder como articuladoras de desejos e imaginários. Não podemos falar sobre o que efetivamente produz libido, seguimos uma ideia psicanalítica que associa esse desejo aos exercícios de dominação. Para tanto, dominar significa estar no mais alto lugar da cadeia social: do homem cisheteropatriarcal.

Pereira (2020) convoca o mito asteca do Coyote para indicar um movimento que chama de pós-pornográfico. Trata-se de uma mudança de perspectiva que fissa a pornografia normativa e *mainstream*. Os rituais Coyote evocam energias catárticas em performances estético-políticas.

Assim, (pós-)pornografia e política se aliam para questionar a naturalização de valores cisheterokapitalistas na sociedade, lançando uma proposta de resistência para viver corpo e sexo. Essa proposta reconhece as falhas históricas da pornografia como princípio pedagógico burguês, identificando o sexismo, o racismo, a transfobia, o capacitismo, a gordofobia e tantas outras fobias na indústria pornográfica mainstream (PEREIRA, 2020, 306).

A pós-pornografia, segundo a autora, seria um movimento de ação libertária entre compartilhamentos de desejos, muito mais que um exercício de dominação sobre corpos dissidentes. Esses corpos *queer* subalternizados se apropriam das tecnologias pornográficas e reelaboram seus papéis dentro dessa performance.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do percurso reflexivo traçado, observamos que as construções de memórias são saldos de operações que se dão no tempo e que mobilizam narrativas. A influência da modernidade europeia efetuou classificações e ordenamentos simbólicos engendrados dentro de certas culturas, principalmente pela colonização que impacta fortemente todas as dimensões da vida. Isso se deve ao fato de ser homens, brancos, europeus, cisgêneros, heterossexuais e ricos que predominaram na narração da história, no desenvolvimento de paradigmas científicos e na dominação de espaços políticos, econômicos e sociais, o que

oportunamente colocou-os em posição superior, como se fossem universais, privilegiando seus pontos de vistas e opressões. Lugones (2014) afirma que a perspectiva evolutiva e cronológica da história moderna é como se as sociedades tivessem uma meta e só pudessem se desenvolver de uma forma, já que são tidas como atrasadas e o ideal moderno seria o ápice daquilo que é bom. Assim, as referências elaboradas por aqueles “universais” regem os caminhos culturais.

Nesse meio colonizador, vemos que categorias e classificações foram pensadas para contribuir com os locais de privilégios e superioridades almejados pelos europeus. Gênero foi uma delas e sua construção se deu pela cultura através de modos impositivos e regulatórios para guiar nossas vidas e a sociedade. Raça foi outra categoria para marcar relações de poder. Ou seja, uma série de marcadores de diferenças foram desenvolvidos com vistas a oprimir quem não é europeu. Com base nos estudos decoloniais, constatamos a necessidade de considerar as interseccionalidades, os atravessamentos e as reivindicações daqueles e daquelas que são expurgados dos espaços da vida (AKOTIRENE, 2019).

Observamos que muitos indivíduos marcados socialmente como abjetos são transformados nas produções e procuras da/na plataforma em objetos de desejo fetichizado. O uso voyeur naquele espaço transpassa para a ordem social, contribuindo de diferentes formas para reforçar violências contra corpos que fogem das normatividades, do socialmente aceito ou das marcações coloniais europeias. Miskolci (2020, p. 45) diz que “[a]bjeto e obsceno (que significa fora de cena) se aproximam, revelando o que a sociedade preferia não ver e quem ao adentrar o espaço público, causa repugnância e repúdio”. Aqui é possível notar uma ligação aguda com a pornografia cuja origem é dada pelo escondido e proibido. No entanto, quem a sociedade não deseja ver pelos espaços públicos, nas ruas, nas mídias e nas relações sociais são aquelas que ela também deseja ver para seu desejo sexual na internet, para agradar seu olhar voyeur e contentar seu gozo. Esse sujeito repugnante passa a ser desejante dentro dessa lógica do fetiche e do oculto. Essa lógica binária mostra que sua

visibilidade só é tolerada no privado dessas plataformas na internet, nas telas, entre “quatro paredes”, e sua invisibilidade é amplamente reforçada nos espaços coletivos, onde se dão inúmeras opressões, assimetrias de poder e constrangimentos cotidianos.

As memórias vão sendo compostas socialmente, ganhando aderência pelos discursos, nas práticas languageiras e nas esferas sociais, bem como contribuem para a sedimentação de imagens de poder, relações colonizadoras no sentido de desumanizar: o objeto sexual não é um indivíduo com quem há troca, mas um item com a função de prazer sexual. Nesse sentido, perspectivas decoloniais apontam para essas relações que desumanizam pelo sexo (e que muitas vezes escolhem indivíduos desumanizados – constituindo camadas de poderes e opressões interseccionais). Esse processo abarca as repressões, tentativas de sujeição, autoritarismos e padrões binários. Propostas como a de Anzaldúa (2000, 2019) podem ser potentes para desestabilizar práticas da sociedade brasileira e desenvolvidas culturalmente. Lutar contra o alcance dessas plataformas pornográficas é um desafio profundamente complexo, haja vista a proporção que esse fenômeno toma com a internet.

Cabe apontar tentativas outras, como os movimentos pós-pornográficos, pornografia feminista ou *queer*, para tentar colocar em circulação desejos, corpos, sexualidades e relações outras que se diferem das lógicas capitalistas que regulam a pornografia. Por fim, os debates apresentados expõem-nos mais questionamentos a serem respondidos e problematizados, assim como deslocam nossos olhares para fenômenos construídos para atender determinados interesses nas relações de poder, mas que são fissurados e que nos permitem articular insurgências.

Diante das discussões apresentadas sobre as memórias tecidas na pornografia, fundamentalmente nas navegações de usuários brasileiros pelo *Pornhub*, outras questões se abrem para futuras pesquisas. Como uma das principais plataformas pornográficas, vale indagar como o serviço realizado pelo *Pornhub* se estabelece nas lógicas plataformizadas como modelo de negócio, bem como é pertinente prologar o debate para vislumbrar como as

camadas constitutivas da plataforma alteram e convergem para os resultados que analisamos aqui. Em face disso, mais reflexões sobre a plataformização da pornografia, a consolidação no espaço online e os embates frente a conteúdos contra-hegemônicos podem trazer considerações importantes para pesquisas na Comunicação que se debruçam sobre o campo do pornográfico a fim de apreender os tensionamentos e as contradições em disputas.

REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. La conciencia de la mestiza/Rumo a uma nova consciência. *In*: BUARQUE DE HOLLANDA, Heloísa (org.) **Pensamento Feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 8, n. 1, p. 229-236, 2000.

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidades**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen. 2019.

BARROS, Paulo Esber; BARRETO, Robenilson Moura. Corpo negro e pornografia. A fantasia do negro pauzudo. **Revista Bagoas**, Natal, n. 19, p. 301-315, 2018.

BIROLI, Flávia. O debate sobre pornografia. *In*: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e Política**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2014, p. 131-138.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 191-220.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016. DOI: 10.1590/S0102-69922016000100003.

LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de; ANTUNES, Elton. Desafios metodológicos à pesquisa sobre gênero e Comunicação: reflexões a partir de narrativas de um problema cotidiano. *In*: LEAL, Bruno Souza; CARVALHO, Carlos Alberto de;

ANTUNES, Elton (orgs). **Um problema cotidiano**: jornalismo e violência contra mulher no Brasil. Belo Horizonte, MG: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2020, p. 201-216.

LEMAIRE, Ria. Do Cancioneiro das Donas às Cantigas D'amigo dos Trovadores Galego-Portugueses. **Fragmentum**, Santa Maria, n. 49, p. 213-227, 2017. DOI: 10.5902/2179219427427.

LEMAIRE, Ria. Patrimônio e matrimônio: proposta para uma nova historiografia da cultura ocidental. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 70, p. 17-33, 2018. DOI: 10.1590/0104-4060.58617.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero e sexualidade: pedagogias contemporâneas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 19, n. 2, p. 17-23, 2008. DOI: 10.1590/S0103-73072008000200003.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In*: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 7-42.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho**: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo decolonial. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3 p. 935-952, 2014. DOI: 10.1590/S0104-026X2014000300013.

MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer**: um aprendizado pelas diferenças. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2020.

PEREIRA, Andiara. Chama a revolta! Necropolítica e pornoterrorismo nas margens do mundo e na periferia dos corpos: um ensaio sobre a experiência mitológica e ritual do devir-coiote. *In*: HOLLANDA, Heloísa Buarque. **Pensamento feminista hoje**: sexualidades no Sul Global. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

PORNHUB INSIGHTS. **2019 Year in review**. 2019. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2019-year-in-review>. Acesso em: 30 mar. 2021.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. 1. ed. São Paulo: N-1 edições, 2014.

PRECIADO, Paul B. **Pornotopia**: PLAYBOY e a invenção da sexualidade multimídia. 1. ed. São Paulo: N-1 edições, 2020.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In*: QUIJANO, Aníbal. **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005, p. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. “**Vai trepar muito no quartinho**”: Paes e a desumanização da mulher negra. 29 ago. 2016. Disponível em: <https://bit.ly/36a4L2m>. Acesso em: 30 mar. 2021.

RICH, Adrienne. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. **Revista Bagoas**, Natal, n. 5, p. 17-44, 2010.

SAFFIOTTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

SEGATO, Rita Laura. **La guerra contra las mujeres**. Madrid: Traficantes de Sueños, 2016.

TRANSGENDER EUROPE. TMM annual report 2016. **TvT Publication Series**, Berlim, v. 14, p. 1-28, 2016. Disponível em: <https://bit.ly/3hzxrXY>. Acesso em: 30 mar. 2021.

TREVISAN, João Silvério. Travestis tipo exportação. *In*: TREVISAN, João Silveiro. **Devassos no paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2018, p. 382-389.

VIEIRA FILHO, Maurício João. Pornhub e acontecimentos midiáticos: dinâmicas plataformizadas e discurso organizacional no campo do pornográfico. *In*: Seminário Internacional Desfazendo Gênero, 2021, Campina Grande. **Anais do Seminário Internacional Desfazendo Gênero**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. v. 5. p. 1-13.

VIEIRA FILHO, Maurício João. “**Vamos descomplicar o sexo**”: pedagogias da sexualidade no projeto Sem Capa. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Programa de Pós-graduação em Comunicação Social, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. [No prelo].

COMO CITAR ESTE ARTIGO

VIEIRA FILHO, Maurício João; FONSECA, Maria Gislene Carvalho Fonseca. Corpos, gêneros e sexualidade em telas: tensionamentos e atravessamentos na tessitura de memórias na pornografia. **Revista Culturas Midiáticas**, João Pessoa, v. 16, pp. 149-170, 2022. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2763-9398.2022v16n.60909>.